

OS MENDONÇA DO AMARELÃO: IDENTIDADE, MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL

Jussara Galhardo Aguirres Guerra

Museu Câmara Cascudo/UFRN

Cx.Postal 1602-Centro de Convivência Djalma Marinho- Campus/ UFRN

E-mail: filhosol @digi.com.br

RESUMO

O grupo endogâmico dos *Mendonça* do Amarelão (João Câmara/RN) nos chama a atenção por certas peculiaridades. O grupo é formado por mais de duas mil pessoas que se identificam como uma grande família, cuja referência identitária (*Mendonça*), os remete a uma origem indígena ligada aos primeiros que ali chegaram no início do século XIX, migrantes do Brejo da Paraíba (Bananeiras) e de aldeamentos indígenas do Rio Grande do Norte (São Gonçalo, etc), conforme nos informa algumas referências bibliográficas e a própria história oral do grupo.

O grupo apresenta uma origem e memória-histórica comuns; a terra é vista como um bem coletivo, tendo à frente a luta do grupo junto ao Movimento dos Sem-Terras. A luta pela terra é uma questão antiga dos *Mendonça*, visto que há registros bibliográficos sobre esta problemática no início do século XX.

Com relação à identidade, são poucos os que se identificam como indígenas. Apenas revelando-se alguns, individualmente. E, por diversas razões como a ideológico-histórica, eles preferem serem identificados como “caboclos” ou pela sua referência identitária: “Mendonça”.

1. CONTEXTO HISTÓRICO DOS “MENDONÇA” DO AMARELÃO/RN

O “Amarelão” está situado no Município de João Câmara/RN, localizado a setenta quilômetros de Natal, com cerca de dois mil indivíduos e mais de duzentas famílias. Sua extensão territorial de aproximadamente cinco mil hectares apresenta uma terra seca e infértil, segundo atestam os próprios os moradores do lugar.(V. figura 01).

O topônimo “Amarelão” está ligado a três versões advindas da herança cultural do grupo e de narrativas de sua história oral. De acordo depoimento tomado de um morador do Amarelão este topônimo surgiu porque os primeiros que chegaram para povoar a região eram de origem Tapuia (índios habitantes do interior norte-rio-grandense) e por terem a cor de pele “parda”, “amarela”, o lugar passou a se chamar Amarelão.(v. pg. quinze). Outra versão diz que um grande touro, muito

bravo, de cor dourada (amarela) servia de diversão para os homens, quando promoviam rodeios, tentando amansar o animal e isso envolvia grande número de pessoas, transformando-se numa regular prática esportiva.

Há também uma terceira versão, segundo a qual há muitos anos a população de João Câmara foi acometida por um surto epidêmico da febre amarela. Esta moléstia deixava a pele amarelada e atingiu também os “Mendonça”. Daí o lugar receber esse topônimo.(Série Estudos da População,Vol.III;s/d).

Figura 01: Mapa do aspecto geral do Amarelão

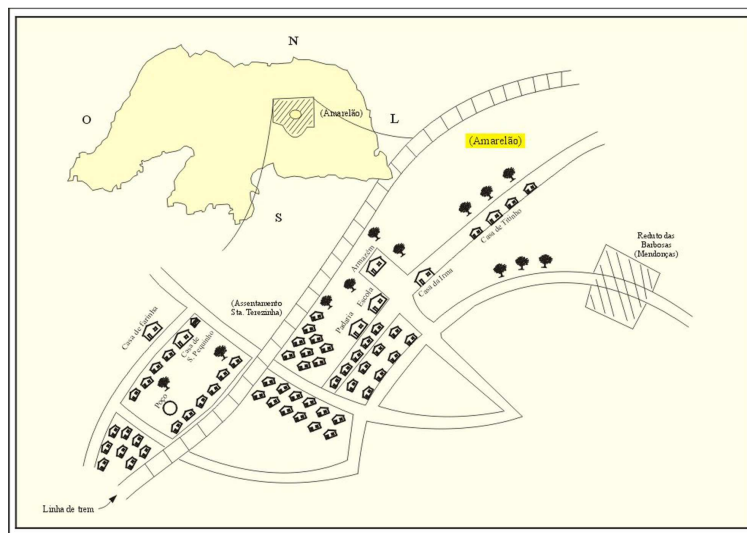
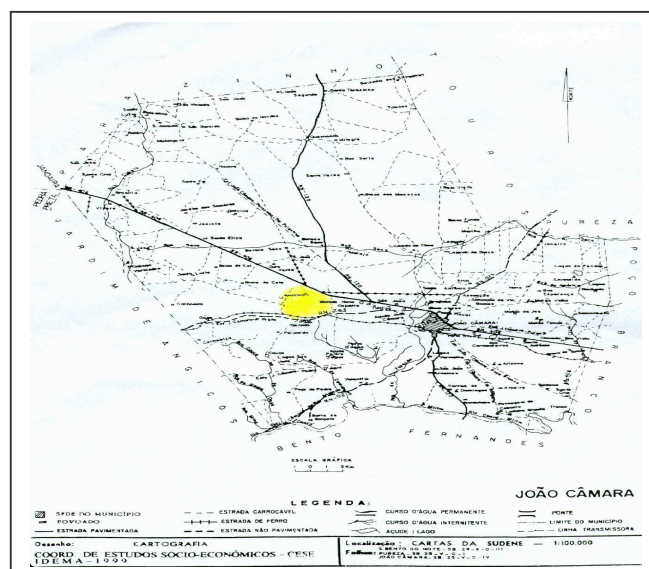


Figura 02: Mapa de localização do Amarelão em João Câmara/RN.



No Amarelão também encontramos um assentamento de nome Santa Terezinha, conquistado pela persistência e união do referido grupo junto ao Movimento dos sem-Terra (MST) .

É durante o contexto histórico de agravamento das tomadas de terras indígenas (séc.XIX) que acontece a migração de um casal de índios “domesticados”, saídos de São Gonçalo, e outro casal vindo do Brejo da Paraíba, para se fixarem no Amarelão, segundo informa Nestor Lima: *há mais de um século, veio do Brejo paraibano, Ignácio Barbosa, casado com Izabel Maria da Conceição e fixou-se no lugar Amarelão. Mais ou menos na mesma época, chegava de São Gonçalo, Antonio José de Mendonça (índio domesticado) com sua mulher.* (LIMA: 20).

Afirma ainda que a descendência dos casais se entrelaçou (endogamia), dando origem aos *Mendonças* do Amarelão (escrito conforme o autor os cita) e que havia cerca de seiscentas pessoas entre homens, mulheres e crianças, cujas atividades principais eram a agricultura e a criação de animais. Eles agrupavam-se em uma aldeia.

As referências históricas de Câmara Cascudo ressaltam sobre os deslocamentos e migrações indígenas no estado e faz uma referência específica sobre os “Mendonça”: *“Pelos trilhos, dez quilômetros além, estendia-se o Amarelão onde os Mendonças moravam há mais de um século em regimen tribal, mestiços de Tupis, fugidos dos aldeamentos que se tornaram vilas(...).”*(CASCUDO:37).

Cascudo também fez referências quanto à cultura e modo de vida deles: *“(...) Tinham um chefe. Residiam em centos de choupanas sementeiras pelas encostas. Eram frugais, desconfiados, silenciosos, devotos do chefe, com economia agrária coletiva, trabalhando aos grupos, endogâmicos, ciumentos da terra e vivendo dela e para ela, exclusivamente (...). Não conviviam com os outros moradores circunvizinhos. Estavam sempre na aldeia que para eles era a maloca ancestral, como fogo de moacaretá ardendo e aquecendo os velhos companheiros nas horas amáveis de confabulações e exame dos interesses familiares (...)”* (CASCUDO:38)

Por volta de 1914 chegou àquela localidade o político e empresário João Câmaraⁱ, juntamente com outros fazendeiros, em sua maioria, políticos do estado. As terras gradativamente vão sendo ocupadas por plantações de algodão, seguidas de cana-de-açúcar e de agave.

As terras de Baixa Verdeⁱⁱ, assim como de outras localidades da região, foram utilizadas para expandir o comércio algodoeiro que tomou impulso a partir de 1930. Como grande empreendedor que era, João Câmara comprou dezenas de propriedade e investiu neste comércio, construindo mais de seiscentos km de

estradas em todo o Mato-Grandeⁱⁱⁱ, o que facilitou a circulação de seu comércio e empreendimentos naquela região. (SANTOS:42). Criou a firma comercial “João Câmara & Irmãos” e produziu o algodão para exportação.

Segundo Irmã Terezinha, da ordem “Irmãs do Sagrado Coração de Maria” e moradora do Amarelão há mais de dez anos explica que os “Mendonça”, passaram a trabalhar na construção das estradas como cossacos^{iv} da firma de João Câmara. E afirma: *“Eles contam que naquela época ganhavam muito dinheiro e com o fim da construção das estradas, eles passaram a trabalhar nas fazendas plantando e colhendo algodão e depois nas plantações de agave”*.

Ela diz também que o povo do Amarelão ficou sem as terras, devido a expansão das propriedades de algodão de João Câmara no período de 1917/1940.

De fato, João Câmara comprou muitas fazendas e plantou algodão por toda região, conforme podemos observar nos grifos abaixo: *“ Os trabalhadores surgiram como formigas, vindos de todos os lados. Onde existia terra sua, João Câmara abria estradas, plantava algodão e atraía um “formigueiro” de trabalhadores.”*(SANTOS:37).

Com a morte de João Câmara, os negócios entraram em decadência e faltou trabalho para o povo da região. Os fazendeiros vão-se apropriando, cada vez mais de terras, à medida que o povo do Amarelão gradativamente fica sem elas e passam a ser trabalhadores *bóias-frias* em fazendas da região do Mato Grande.

O período áureo do algodão foi de 1930 a 1940 quando conquistou o primeiro lugar no cômputo da exportação estadual. Instalaram-se diversas usinas, fábricas, armazéns, lojas e léguas quadradas de algodão, chegando ao fim com as chuvas de 1940 que arruinaram as plantações de algodão no Rio Grande do Norte.

2. A LUTA PELA TERRA

Em João Câmara, sobretudo no Amarelão, foi no início do século XX que se abriram os caminhos para a ocupação definitiva das terras daquele Município, como também os moradores do Amarelão.

Segundo informação da Irmã Terezinha, antes da chegada dos fazendeiros àquela região não havia cercas, nem donos de terras, sendo estas totalmente disponíveis à comunidade. Mas, com a chegada de fazendeiros vindos de João Câmara e de Natal, as terras começaram a ser cercadas, ficando para os antigos e primeiros moradores um só reduto.

Comenta Irmã Terezinha: *“As terras do Amarelão estavam cercadas por fazendeiros e os “Mendonça” trabalhavam como bóias-frias em várias fazendas , no corte de cana e de lenha nas terras de políticos da região”*.

Seu Pequinho, ao se referir às propriedades que eram dos “Mendonça”, diz que aos poucos, num processo de invasão, as terras foram sendo tomadas por fazendeiros e latifundiários. Este processo se iniciou a partir do século XIX e se

prolongou até o século XX, quando João Câmara e demais fazendeiros dominaram a região do Mato Grande. Após sua morte, surgem outros políticos e latifundiários que desenvolvem o plantio da cana-de-açúcar.

Afirma Seu Pequinho: *“A propriedade dos ‘Mendonça’ era essa (se referindo a dimensões outrora superiores que as do momento atual) e foi tomada pelos poderosos há mais de cento e cinqüenta anos. A gente trabalhava no Mato Grande, cortando cana.”*

Ainda segundo ele, os “Mendonça” trabalharam nas fazendas Goes e Saramandaia por duas décadas. Elas passaram pela administração de novos fazendeiros, sempre que eram vendidas, até que o último dono resolveu não empregar mais os “Mendonça” e os dispensou, expulsando-os das fazendas sem nenhum direito reconhecido.

Os “Mendonça” se unem ao Movimento dos Sem Terra (MST). A partir de então, estavam decididos a começar a luta para reaver as terras invadidas.

A luta pela terra é tradicional entre os “Mendonça”, Câmara Cascudo faz referência a um fato ocorrido entre as décadas de quarenta e cinqüenta, época em que estava em pleno vapor a invasão das terras em Baixa Verde, tanto no Amarelão como nas demais localidades vizinhas: *“(…)Um sobrinho e delegado plenipotenciário dos Tuixauá do Amarelão procurou meu pai em Natal para que impedisse o esbulho de suas terras possuídas em usucapião centenário. Meu pai interessou-se e um advogado defendeu os ‘Mendonças’, garantido-lhes a terra tão sua. (...)”*.

Esse panorama geral, demonstra que os “Mendonça” apesar de sofrerem a perda de suas terras ao longo do tempo, mantiveram-se unidos até os dias atuais quando tentam reavê-las.

Hoje há alguns processos “retomadas” em andamento na região. Algumas famílias se deslocam para esses locais, levantam barracos precários, sem água e luz disponíveis e passam a viver durante meses dessa forma, até conseguirem seu intento.

A caça de animais silvestres é um fator preocupante, não só porque indica uma depredação do meio ambiente, mas, principalmente por mostrar o nível de miséria que assola aquele povo. Os animais caçados em sua maioria são: tatus, preás, cotias, pássaros (rolinhas, arribações) entre outros animais, não poupando nem as fêmeas em fase de procriação.

A falta de projetos que visem a melhoria de qualidade de vida dos moradores do Amarelão é o principal fator de degradação do meio ambiente. Sem formas alternativas de sobrevivência, como a criação de animais para a produção de carne, de aves hortigranjeiras e a construção e de viveiros de peixes, por exemplo, os moradores do Amarelão se tornam uma ameaça inevitável para a fauna já restrita naquela região.

3. ALGUNS NOMES EM EVIDÊNCIA NO AMARELÃO

Irmã Terezinha Tessele Galles, natural do Rio Grande do Sul tem um trabalho muito importante junto ao grupo. Assiste o Amarelão há mais de dez anos, por escolha própria, em seu trabalho missionário, conforme ela justifica: “(...) *aquela comunidade estava carente de assistência em todos os sentidos . Eu escolhi ficar aqui*”. “*os Mendonça acompanhavam as procissões de Frei Damião e já eram católicos*”.

Ela iniciou seu trabalho missionário no Amarelão a partir de 1989. Os “Mendonça”, aos poucos aceitaram-na e após alguns anos de trabalho da irmã, já a consideraram uma “Mendonça”, fazendo assim, parte da “grande família”.

Alguns anos mais tarde, com o apoio dela e de alguns moradores do lugar, os “Mendonça” iniciam a formação de uma consciência política entre eles, o que posteriormente, impulsiona os “Mendonça” a se unirem ao MST na tentativa de reaverem as terras.

No que se refere à economia do grupo, a irmã Terezinha trabalhou com o projeto-castanha tanto em sua etapa de elaboração, como de viabilização.

Na educação, ela se preocupou em criar junto ao grupo uma escola comunitária, que, embora precária e funcionando apenas em nível de alfabetização, tenta atender a algumas crianças da região. As famílias não se contentam com o fato de ter que deslocar seus filhos até o município para estudarem. O desejo comum é que se construam escolas de nível médio para atender as crianças no próprio Amarelão, no entanto não há projetos para viabilizar estas demandas.

Outro nome importante no Amarelão por sua atuação foi o Sr. Francisco da Silva do Nascimento conhecido como Titinho^{vi}. Era casado, pai de seis filhos, líder comunitário e alfabetizador da comunidade. Faleceu em dezembro de 2001, assassinado próximo a sua casa, enquanto arrecadava o dinheiro do projeto-castanha^{vii}. Ele foi vítima de uma tocaia planejada por um indivíduo da própria comunidade.

Titinho assumiu um papel de importante liderança política no Amarelão. Destacou-se com grande referência no grupo, principalmente durante a retomada das fazendas Goes e Saramandaia, que hoje pertencem ao Amarelão. Ele toma a frente, junto ao MST, a partir de 1991, na formação de uma consciência política e organização do grupo para a retomada de terras.

Esse episódio trágico na vida dos “Mendonça” desarticulou o grupo e quebrou um pouco a coesão do mesmo, de tal forma que as escolas comunitárias encerraram suas atividades, assim como outros projetos, entre eles, o projeto-castanha.

Segundo Sr. Arnou, 57 anos, vendedor de castanha: “*Titinho era uma pessoa de natureza boa, não tinha nenhuma maldade*”.

Outra pessoa a ser citada por sua colaboração é Seu Pequinho (V.figura 3), quarenta e quatro anos, nove filhos e morador do AST^{viii}. Ele tem boa articulação

com o grupo e está à frente de questões relacionadas com a melhoria da comunidade no que se refere à construção de poços, escola comunitária, casa de farinha, etc.(V. figuras 3,4, 5 e 6). No momento, está tentando articular pessoas e reuni-las com a intenção de reativar a escola comunitária, fechada após a morte de Titinho. A preocupação dele é na formação escolar em nível de primeiro e segundo grau. Ele pretende reunir pessoas da comunidade e interessados para se reunirem com o prefeito de João Câmara, levando propostas no sentido de viabilizar projetos para o funcionamento da escola comunitária e possivelmente com professores contratados pelo estado e ou município.

Figura 3: Família de S.Pequinho



Figura 4: Construção de poço comunitário

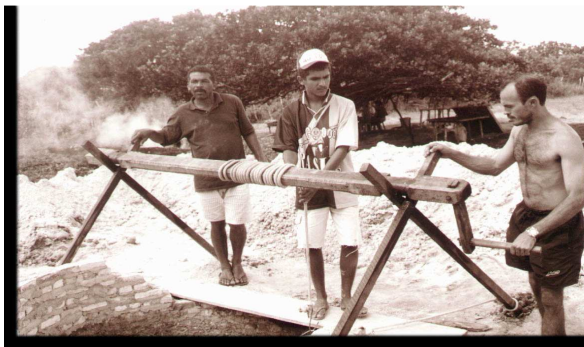


Figura 5: Escola



comunitária

Figura 6: Casa de farinha



4. A
QUESTÃO DA
A
CONQUISTA
ASSENTAMENTO

SANTA TEREZINHA

TERRA E
DO

Em 1991 o MST conquista o direito ao Assentamento na Fazenda Marajó, nos arredores do Amarelão. Encorajados com o fato e estimulados com o trabalho de Titinho e da Irmã Terezinha os “Mendonça” reivindicaram terras e investiram com uma atitude estratégica de ocupação que culminou com a retomada em 1993. A partir desse momento, a luta seria *corpo a corpo* e os “Mendonça” estavam determinados a permanecer acampados nas fazendas até conseguirem seu intento. Houve momentos de grande tensão, quando ocorreram alguns episódios de confronto com a polícia que, sob ordem judicial, agiram contra eles para expulsá-los das fazendas. Seu Pequinho afirma: *“Durante a retomada, a polícia veio com uma ordem judicial de prisão. Vieram contra a gente. Só que quando a polícia chegou, nós corremos e cruzamos a linha do limite das terras... Aí a polícia não podia fazer nada contra a gente, porque a gente estava no Amarelão ... passamo a linha mas, o cunhado e o sogro de Titinho não tiveram tempo de correr e foram pegos. Ficaram presos, com as mão pra trás, amarrada numa cancela (grade de ferro). Titinho e a Irmã Terezinha ficaram ao lado deles até que depois Titinho conseguiu falar com dois advogados que vieram de Natal. Foram soltos, depois de 48 horas”.*

Em 1994 sai a emissão de posse e os “Mendonça” vencem a batalha, as terras agora estavam recuperadas e surgia o Assentamento Santa Terezinha, nome dado em homenagem à Irmã Terezinha que teve papel fundamental em todo o processo. No entanto, não houve uma continuidade de esforços conjuntos para a melhoria do AST, com projetos que viabilizassem o crescimento de sua atividade econômica. O plantio do caju, o comércio da castanha e a agricultura de um modo geral, ficaram inviabilizados. A decisão do INCRA^{ix} foi pelo não investimento, porque considerou o solo impróprio para a agricultura, por ser seco e improdutivo.

Por sua vez, O MST enfraqueceu-se após a morte de *Titinho*, importante para o movimento de um modo geral. A luta por novas demarcações no momento, não está progredindo e o projeto- castanha está sendo reavaliado para a definição de novas diretrizes.

O grupo atualmente apresenta vários acampamentos em processo de ocupação nas regiões circundantes do Amarelão. Os “Mendonça” vivem também em localidades fora de João Câmara, mais precisamente em Natal(RN), em Nova Descoberta, zona norte da capital, Nova Natal, Felipe Camarão etc. Muitos desses deslocamentos foram motivados pelos freqüentes abalos em João Câmara.

5. A ATIVIDADE ECONÔMICA DA COMUNIDADE DO AMARELÃO

A principal atividade econômica da comunidade é o beneficiamento da castanha e sua comercialização. Caracteriza-se como uma economia de subsistência.

Os “Mendonça” criaram o “Projeto-Castanha” por volta de 1996. A partir da iniciativa própria do grupo, esse projeto visa beneficiar mais de trinta famílias, no entanto, está longe de alcançar abrangência maior, considerando que há mais de duzentas famílias no grupo. Esse trabalho tem sido organizado por uma associação de moradores junto às lideranças da comunidade e tem como objetivo adquirir a castanha mais barata e de boa qualidade para os que estão dentro do projeto.

Na falta de terra para o plantio de cajueiros, as castanhas são adquiridas em sua maioria da Serra do Mel (RN) por ser de boa qualidade e durabilidade. São adquiridas *in natura* e transportadas por um pequeno caminhão da comunidade. É distribuída entre as famílias que previamente pagam pelo produto. Seu beneficiamento é realizado por eles próprios. Primeiramente, passa por um processo de lavagem, a seguir a secagem ao sol e logo depois a “queima” do produto. Por fim, são descascadas e postas em embalagens plásticas para a venda. (V. figuras 7,8 e 9).

Segundo Seu Pequinho a castanha produzida dentro do projeto chega a ser vendida João Pessoa/PB, Recife (PE) e, em grosso, para a KIBOM de Pernambuco. O que foge da caracterização de uma economia de subsistência. Já a produção de castanha que está fora do projeto tem uma produção bem menor (subsistência) e sua distribuição é feita na capital, através de vendedores

ambulantes (os próprios “Mendonça”), chegando às praias da orla sul e norte da costa potiguar, bem como a diversos pontos do centro da cidade de Natal.

Segundo os próprios moradores do Amarelão eles representam a grande maioria dos vendedores de castanha em Natal. Também informam que a safra da castanha ocorre durante os meses de novembro a fevereiro de cada ano, quando conseguem algum lucro, embora pequeno.

Figura 7: Assando castanhas



Figura 8 - Quebra da castanha

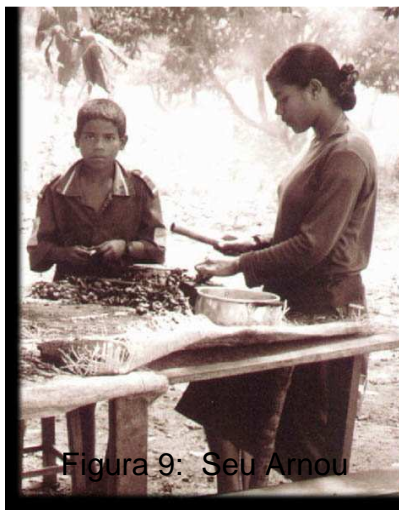


Figura 9: Seu Arnou



Sr. Antônio Soares, cinqüenta e seis anos, é vendedor de castanha. Tem seis filhos que vivem no Amarelão e uma filha que vive em Felipe Camarão. Ele vem a Natal e fica na casa dela por três dias, quando após a venda de suas castanhas, retorna para o Amarelão. Ele diz: *“No início da safra na nossa região, a gente consegue comprar por R\$ 0,70. O máximo que consegue obter é 40% de lucro sobre cada saquinho de castanha vendido a R\$ 1,00, outros a R\$ 2,00 e tem até de R\$ 10,00.”*

Sr. Arnou Barbosa, cinqüenta e sete anos, tem duas filhas e mora no AST. Ele chega às sete da manhã e retorna às 17 horas, já no final do dia. São três viagens por semana. Na ida e na volta paga pelo transporte R\$ 12,00 (doze reais). Ele reclama que não há quase lucro durante o período de entressafra, pois as castanhas são caras e de má qualidade.

Seu Pequinho informa que a castanha vendida nas praias do RN não são do projeto-castanha. Adquirida no mercado de João Câmara chega a custar R\$ 1,10 (um real e dez centavos). O ponto de venda é preferencialmente de frente à Urbana e no Alecrim. Muitos deles fazem o comércio de castanha de forma independente, sem estar ligado ao projeto, que como já foi dito atende apenas a um número pequeno de famílias.

Pode-se observar que há uma grande necessidade de investimentos na produção de castanhas a qual demanda uma terra de qualidade, e esse não é o caso do Amarelão. O solo é seco e de grande teor de sal, portanto, impróprio para a agricultura e principalmente para se beber. Alguns carros-pipas do Exército abastecem a região em convênio com a Prefeitura e o Governo do Estado.

Segundo Irmã Terezinha está sendo discutido atualmente em João Câmara o Programa de Desenvolvimento Local, Integral e Sustentável que vem da ação conjunta dos governos estadual e federal, entre outros agentes de parceria que pretendem fazer um diagnóstico e desenvolver alguns eixos de ação em diversos interiores do RN. A irmã está à frente nas reuniões do fórum como representante do grupo. As prioridades do programa são: agricultura, infra-estrutura, política educacional, saúde, comércio. A expectativa da população é que haja realmente algum beneficiamento para a comunidade.

6. HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA DOS “MENDONÇA”.

A comunidade do Amarelão apresenta aspectos relevantes em relação à origem, memória e a história oral. Eles falam sobre uma origem comum e se declaram descendentes de indígenas Tapuia^x.

Eles se identificam como “Mendonça”, referência identitária que os remete a seus antecessores indígenas., citados por Nestor Lima no início do texto.

A população envolvente, por sua vez, os vê como “diferentes”, como “ciganos”, como “índios”, “caboclos” e outras variantes de cunho discriminatório. No entanto, já atualmente, esta mesma população apresenta uma maior tolerância e respeito aos “Mendonça”.

Um outro aspecto a ser considerado é sobre a questão da identidade dos “Mendonça”. Apesar de sua memória-histórica referir-se a uma origem indígena, no entanto, apenas pequena parte do grupo assume essa identidade, mas de forma cautelosa.

Sabemos que ao longo dos séculos, tornou-se mais conveniente não ser revelada a identidade indígena. Essa tática do silêncio foi uma defesa em contraposição ao sistema político-econômico que crescia seus domínios nos territórios indígenas e que usou sempre de muita violência contra as populações aborígenes através de perseguições, discriminações etc. Também os discursos oficiais históricos e ideológicos inibiam (inibem) qualquer atitude de oposição desses indivíduos contra essa poderosa hegemonia. E assim, muitos “caboclos” optaram (optam) pelo anonimato.

Mas apesar da discordância do grupo quanto às origens, unanimemente se reconhecem e são reconhecidos pelo “outro” (população de João Câmara) através de sua expressividade identitária – os “Mendonça”.

Alguns dos entrevistados falam sobre a origem dos “Mendonça”. Ronaldo de Melo, 30 anos, morador do Amarelão fala sobre a origem: *“Dizem que quem deu origem a isso aqui foi um casal dos Tapuias vindo do Brejo da Paraíba, que aqui chegou há séculos atrás. Como eles eram “amarelos”, o nome do lugar foi chamado de Amarelão”*.

Seu Pequinho, quarenta e quatro anos, nove filhos, morador do AST, diz: *“O pai de papai é dos ‘tronco véio’^{xi}. Viviam aqui nas mata escondido. Era caboco véio escondido nessas matas. Não podia ver uma pessoa que tinha medo. Quando começou a passar o transporte corria com medo. Era índio, entendeu? O pai de papai era do brejo da Paraíba e se casou com uma ‘Mendonça’”*.

Seu Antônio, setenta anos, morador do Amarelão, nos informa sobre a origem dos “Mendonça”: *“O pessoal dizia que os “Mendonça” tinha uma parte assim... com uma espécie de índio.. Lá .., naquele pontinho começou. É tudo de lá. Alguém diz que são índios.”*

Quanto à visão do “outro”, pude observar entre alguns entrevistados na cidade de João Câmara que a discriminação continua, embora com mais tolerância aos

“Mendonça”. Seu Antônio Teixeira, morador de João Câmara diz: *“Agora acabou-se. Era um povo ignorante, hoje em dia tá tudo civilizado. Antes não era brabo, não! Era umas onça! Dizem que eles vieram da Paraíba...”*

Alguns depoimentos reforçam sobre a união, traço mais forte e característico do grupo, a qual reforçada pela endogamia, perpetua o grupo há décadas. Para eles é importante a preservação do grupo como “uma grande família” e, por essa razão, eles preferem as uniões entre si, não lhes agradando as relações exogâmicas, muito embora elas também ocorram, mas não de maneira freqüente.

Seu Pequinho afirma quanto a essa característica do grupo: *“Aqui a gente prefere que se case por aqui mesmo”*.

Irmã Terezinha ao falar da forte união do grupo, declarou: *“É uma grande família, quando se atinge a uma pessoa do grupo, atinge-se a todos igualmente. No momento em que retomaram a terra, hoje AST, os “Mendonça” não se conformaram, em se separar, queriam ficar juntos”*.

A identidade e o sentimento de pertença do grupo são preservados. Irmã Terezinha fala sobre Titinho que costumava dizer: *“Nós somos uma tribo de índios”*. Essa afirmativa, segundo ela, se referia à união do grupo, à “grande família” e a forma de coletivizar a terra e o trabalho, como também, se referia às suas origens.

Seu Pequinho declara: *“Irmã Terezinha já é Mendonça”*. Isso se deve ao fato, segundo ele, de considerá-la como um membro da “grande família”, visto que ela trabalha e compartilha a vida em comum com o grupo há mais de dez anos.

Seu pequinho também nos declara que: *“O rapaz que casa com uma “Mendonça” e vier morar aqui, vira “Mendonça”*.

Câmara Cascudo se referiu no início do século XIX aos “Mendonça” no que diz respeito à coesão do grupo e seu comportamento tático diante dos desafios: *“(…) Vinham trabalhar juntos em grupo não inferiores a uma vintena. À menor desconfiança, na constatação da mais ligeira ofensa, mesmo intuitiva, o pretense agredido limitava-se a balançar desaprovadamente a cabeça redonda. E abandonava o trabalho. Todos os outros Mendonça o acompanhavam, imediatamente, numa fidelidade de sombras(…)”*.

Os “Mendonça” mantêm sua união grupal não apenas pelo espaço territorial ocupado em comum, mas também pela memória, pelo passado histórico que os unem e que se fortalecem através das uniões endogâmicas, perpetuando a “grande família”.

CONCLUSÃO

A Comunidade do Amarelão nos despertou curiosidade por suas características peculiares e pelo reconhecimento do grupo de sua origem ligada a antepassados indígenas.

Sua organização social se caracteriza como uma “grande família”, na qual as uniões endogâmicas e o uso coletivo da terra são formas de coesão do grupo, reforçada por uma expressividade identitária (Os Mendonça) que remete o grupo a seus antecessores indígenas.

Os “Mendonça” apresentam uma crença comum articulada numa origem indígena também comum. Seus destinos compartilhados e projetos futuros para a comunidade orientam seus membros em ações coletivas voltadas sempre para o benefício geral. Assim se revela o projeto -castanha, embora ainda deficitário; a escola comunitária; a luta conjunta pela retomada de terras junto ao MST etc.

No entanto, a grande maioria não se reconhece como indígena, apenas alguns isoladamente e cautelosamente assumem essa identidade, tornando-a “invisível”. Preferem ser chamados pelo “outro” de “caboclos” ou, por sua própria referência identitária comum.

Não há, portanto, até o momento, pedido de reconhecimento da identidade indígena perante os órgãos competentes do Governo Federal.

Figura 10: Filha de Seu Pequinho

Figura 11: Criança do



Amarelão



Figura 12: Seu Rosinha



BIBLIOGRAFIA

AZANHA, Gilberto e VALADÃO, Virgínia Marcos. *Senhores Destas Terras: Os Povos Indígenas do Brasil: da colônia aos nossos dias*. São Paulo: Atual, 1991.

CASCUDO, Luis da Câmara. *História do Rio Grande do Norte*. 2 ed. Rio de Janeiro: MEC/ RJ, 1995.

_____. *História de um Homem*. Mossoró: Edição Mossoroense, Série C, Vol DCXLIV, 1991.

CARVALHO, Maria do Rosário. *De Índios Misturados a Índios Regimados*, Salvador: s/d.

CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos Índios do Brasil*. São Paulo:Global, 1983.

ALVES FILHO, Ivan. *Brasil, 500 Anos em documentos: Um livro de referência, didático para estudos e consultas sobre documentos que registram a história do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 1999.

FILHO, Olavo de Medeiros. *Aconteceu na Capitania do Rio Grande do Norte*. Natal: departamento estadual de Imprensa, 1997.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa - as origens brasileiras da teoria de bondade natural*. Rio de Janeiro: Topbooks,1976.

LIMA, Nestor. *Municípios do Rio Grande do Norte: Baixa Verde, Caicó, Canguarema e Caraúbas*. Natal: Revista IHGRN: Vol. 27/28: 1990. Mossoró, Coleção Mossoroense; série C Vol.DXCVI.

MARIZ, Marlene & PORTO ALEGRE, Maria Sylvia e DANTAS, B.G. *Documentos para a História Indígena do Nordeste*. São Paulo: NHII-USP/FASEP, 1994.

MOONEN, Frans e MAIA, Luciano Mariz. *Etnohistória dos Índios Potyguara: ensaio, relatórios e documentos*. João Pessoa: PR/PB-SEC/PB, 1992.

OLIVEIRA, João Pacheco. *Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colônia e territorialização e fluxos culturais*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1997.

PACHECO, Cleudia Bezerra e ROCHA, Raimundo Teixeira. *Estudo Preliminar sobre o Grupo Endogâmico do Amarelão*. Natal: Série Estudos de População. Vol 3:s/d.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol 5, nº 10, 1992;

_____ *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol 2, nº 3, 1989;

PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. *Rompendo o Silêncio: Por uma Revisão do “Desaparecimento” dos Povos Indígenas* (1998), Recife: GTHNOS – Revista Brasileira de Etnohistória, ano II, nº 2.

RIBEIRO, Berta. *O Índio na História do Brasil*. São Paulo: Global, 1983.

RIBEIRO, Darcy. *O Índio e a Civilização*. Petrópolis: Vozes, 1984.

REESINK, Edwin. *Alteridades substanciais. Apontamentos diversos sobre índios e negros*. 1999. (mimeo.)

SAHLINS, Marshall. *O Pessimismo Sentimental e a Experiência Etnográfica: Por que a cultura não é um objeto em via de extinção?* Rio de Janeiro: PPGAS/ Museu Nacional, 1937;

SANTOS, Paulo Pereira. *Um Homem Admirável: João Severiano da Câmara: O Empresário e Político*. Natal: Dep. Est. de Imprensa, 1997.

SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONNE, Luis Donisete. *A Temática Indígena na Escola: subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC, 1995;

TAUNAY, Afonso E. *A Guerra dos Bárbaros*. Mossoró: Coleção Mossoroense, volume 863:29, 1995;

ⁱ João Câmara, fundador do Município que recebeu seu nome. Era empresário, latifundiário e político importante do RN. Foi grande empreendedor do comércio algodoeiro e na construção de estradas ferroviárias no RN no início do século XX. Cf. Paulo Pereira dos Santos. *Um Homem admirável: João Câmara*, 1997; p.76;

ⁱⁱ Baixa Verde, nome antigo (1928) do atual Município de João Câmara;

ⁱⁱⁱ Toda a região por onde João Câmara espalhou suas fazendas em Baixa Verde;

^{iv} Trabalhadores da construção de estradas. Os “Mendonças” eram cossacos que trabalharam ativamente na construção das estradas de João Câmara (história oral);

^v Palavra indígena do tronco Guarany que significa maioral, chefe de uma tribo. Cf. Mário Arnoud Sampaio. *Vocabulário Guarani/Português*. São Paulo: Editora Três, 1988.

^{vi} Falecido aos 38 anos, vítima de crime “encomendado” por membro da própria Comunidade. Os motivos foram “aparentemente” pessoais, como inveja e ganância. Estão todos presos na delegacia de João Câmara;

^{vii} Projeto-castanha

^{viii} Por convenção o Assentamento Santa Terezinha será referido pelas iniciais AST e o Movimento dos Sem Terras, MST;

^{ix} INCRA – Instituto Nacional de Comércio e Reforma Agrária.

^x Antigos índios que habitavam o interior norte-rio-grandense;

^{xi} Segundo informação oral do grupo **tronco velho** são as gerações mais antigas, das quais os “Mendonça” descendem.